

ASPECTOS TEOLÓGICO-PASTORAIS DE IGREJA, MINISTÉRIO, LIDERANÇA E AUTORIDADE CRISTÃS NO NOVO TESTAMENTO COM ENFOQUE EM PAULO

THEOLOGICAL-PASTORAL ISSUES OF CHURCH, MINISTRY, LEADERSHIP AND
CHRISTIAN AUTHORITY IN THE NEW TESTAMENT WITH FOCUS ON PAUL

Dr. Werner Wiese¹

RESUMO

Já faz anos que muito se fala de líderes e liderança, de autoridade e ministério(s) na Igreja e muito se escreve a respeito. Apesar disto, liderança, ministério(s) e autoridade ou poder cristãos continuam sendo desafios, tanto no estudo acadêmico da Teologia quanto no exercício do ministério como tal na base das comunidades ou igrejas. Partindo de um olhar panorâmico, no presente artigo destacamos aspectos exegéticos e teológicos a partir do Novo Testamento com ponderações pastorais inerentes a esses assuntos, incentivando para uma reflexão consciente, flexível e mais equilibrada possível a respeito deles.

Palavras-chaves: Autoridade. Carisma. *Ekklesia*/Comunidade. Cuidado. Líderes/Liderança. Ministério.

ABSTRACT

For years now much talked about leaders and leadership, authority and ministry(s) in the Church and much has been written about it. Nevertheless, Christians leadership,

¹O autor é Doutor em Teologia pelo antigo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG) da EST - Escola Superior em Teologia, em São Leopoldo/RS, e é Pós-Doutorando no PPG da Faculdades EST. Atua como Professor de Teologia Bíblica (NT), Grego e Fundamentos da Ética na Faculdade Luterana de Teologia, em São Bento do Sul/SC, e é membro da Diretoria da Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (ASTE), com sede em São Paulo/SP. E-mail: wwiese@flt.edu.br

ministry(s) and authority or power remain challenges, both in the academic study of theology and exercise of ministry in the basis of communities or churches. From a panoramic look, in this article we highlight exegetical and theological aspects from the New Testament with pastoral considerations inherent in these matters, encouraging for a conscious, flexible and balanced reflection possible about them.

Keywords: Authority. Charisma. *Ekklesia*/Community. Caution. Leaders/Leadership. Ministry.

INTRODUÇÃO

Plantar ou fundar igrejas, revitalizar comunidades, treinar líderes ou formar liderança competente e eficiente são temas abordados em muitos livros e manuais sobre o ministério cristão de forma geral e específica. Aspira-se por crescimento das igrejas, por reconhecimento e respeito público delas e de seus líderes ou suas lideranças. E por que não se faria isso? São aspirações “legítimas” e compreensíveis numa sociedade de competição e consumo, na qual se julga pelas aparências externas; é o que se tem, pois ninguém consegue ver, quer dizer, avaliar o “invisível”. Em linguagem teológica: a estética atrai ou repele indivíduos e multidões. Contudo, Deus não se deixa impressionar pelas aparências. Ele sonda mentes e corações e traz à tona a realidade tal qual ela é e não o que aparenta ser.

Na maioria das vezes, as aspirações ministeriais são sustentadas por recursos ao Novo Testamento (doravante NT), principalmente ao livro de Atos e às listas de *carismas* ou *dons espirituais* nos escritos paulinos, por exemplo: 1Co 12.4-11; 12.28-31; Rm 12.4-8 e Ef 4.11-16. “Inspirados” em textos seletivos do NT, por vezes há uma busca humana frenética de *dons espirituais*. Inclusive não faltaram nem faltam tentativas de “importar” diretamente do NT modelos de comunidade e liderança para “garantir êxito” no ministério cristão hoje.

De qualquer forma, há uma ligação indissociável entre igreja (ἐκκλησία), líderes, dons e ministério no NT. Aspirar por crescimento da igreja, surgimento de igrejas,² reconhecimento público e respeito, treinamento de liderança e líderes eficientes não tem nada de errado, muito menos recorrer às Escrituras Sagradas para isso, pois elas são norma para a fé e a vida de quem segue a Jesus Cristo, o que também inclui a maioria dos assuntos mencionados.

² Em si, a existência de várias denominações (igrejas) e o crescimento visível de algumas delas não é problema. É problema, sim, se o *crescimento* ocorre conscientemente às custas de outras igrejas e o *surgimento de novas igrejas* seja fruto de desentendimentos entre líderes e de divisões de igrejas já existentes.

Tão importante quanto “o que o NT diz de fato a respeito desses assuntos?” é “que perfil ou perfis o testemunho do NT fornece de comunidade, líderes e liderança, ministério, dons espirituais, autoridade, e assim por diante?” No nosso modo de ver, é aqui que reside o desafio maior, pois a imagem que se tem e se vende hoje desses assuntos e dessas realidades nem sempre condiz com o testemunho do NT a respeito deles. Não se deve fugir da pergunta “Até que ponto o ser humano não projeta seus ideais para dentro do NT ou imagina poder abstrair do NT de forma ligeira e simplória respostas e soluções?”

No presente trabalho, levantamos alguns dados textuais relevantes e a partir deles tematizamos aspectos centrais que envolvem líderes e liderança, dons e autoridade ou poder que dizem respeito ao ministério cristão, com o objetivo de incentivar e encorajar para uma atenção e dedicação mais atenciosas e acuradas do tema pontuado neste artigo. Para alcançar o objetivo, o trabalho é composto de três partes. Na primeira trata-se de esboçar uma *visão panorâmica de igreja e ministério* no NT. A segunda parte enfoca a questão de *líderes e liderança, autoridade e líderes na igreja cristã das origens*. Já na terceira parte são abordados aspectos da *relação entre instituição, dons espirituais e ofício*. Cada uma destas partes é subdividida de forma a concatenar não só as subdivisões, mas todas as partes do artigo.

I. VISÃO PANORÂMICA DE IGREJA E MINISTÉRIO NO NT

Ministério e liderança ou líderes não só se condicionam mutuamente, mas estão intrinsecamente vinculados ao povo de Deus que no NT é referido com metáforas como, por exemplo, *corpo, casa, edifício*. Contudo, o termo que mais se impôs na história de quase dois mil anos de cristianismo é *igreja*. Hoje é frequente que com *igreja no NT* se associem ideias que fazem líderes sonhar com uma igreja ideal. Mas no NT nem ministério e nem igreja são um sonho ou ideal - são uma realidade que não se apreende com facilidade sem correr o risco duplo de, por um lado, *uniformizar* e, por outro lado, *dissociar* ou *relativizar* essa realidade. É preciso dar-se conta de que *igreja* é uma grandeza (realidade) teológico-espiritual e uma grandeza empírico-social ou visível ao mesmo tempo. Elas se inter cruzam de tal maneira que não se pode nem deve separar uma da outra, pois a grandeza teológico-espiritual implica a realidade empírico-social ou visível - do contrário, a primeira não passaria de uma *ficção religiosa* e a segunda de um *grupo social* entre outros grupos que existem, que apenas se organiza como estes e também é dirigida como estes.³

³Cf. a terceira parte deste trabalho.

1.1 A igreja como realidade teológico-espiritual no NT

O termo *igreja* no NT é tradução da palavra grega *ekklêsia* (ἐκκλησία), cujo equivalente hebraico no Antigo Testamento é *kahal* para caracterizar acima de tudo a *multidão* do povo eleito e resgatado por Deus da escravidão egípcia e conduzido por ele nas oscilações da história de Israel como *kahal* (*assembleia* ou *congregação*) de Deus.

Contudo, quanto a sua origem e ao seu uso, tanto a palavra *kahal* quanto *ekklêsia* não são termos de uso singular teológicos. Pelo contrário, na Antiguidade, por exemplo, uma assembleia política, i.e., cidadãos livres de uma cidade que se reuniam para decidir assuntos políticos em consonância com as leis do Estado, também era chamada de *ekklêsia*.⁴

Por outro lado, *ekklêsia* é uma palavra com significado teológico profundo e de uso vasto no NT. Não é nosso objetivo abordá-la detalhadamente aqui.⁵ Limitamo-nos a destacar alguns enfoques teológicos centrais de *ekklêsia*:

a) É inegável que como *kahal* no seu sentido teológico no Antigo Testamento caracteriza Israel como *assembleia/congregação* (comunidade) de Deus que ele elegeu e resgatou da escravidão do Egito, o sentido teológico de *ekklêsia* no NT caracteriza a totalidade do *povo* (comunidade) *de Deus*, composta por pessoas que creem em Jesus como o *Messias* de Deus⁶ - pessoas dentre todos os povos, raças e nações. Portanto, a *ekklêsia* composta por judeus e gentios.⁷

b) Nos Evangelhos a palavra *ekklêsia* somente ocorre em Mt 16.18 e Mt 18.17. Portanto, apenas duas vezes. Apesar disso, nessas duas ocorrências sintetiza-se muito bem o que a *ekklêsia* é como grandeza ou realidade teológica: ela é de Jesus Cristo,⁸ ele mesmo a edificará e as *entradas do submundo* (πύλαι ᾗδου) não a vencerão (Mt 16.18). O que a sustenta não é a grande multidão nem os projetos que pessoas têm, mas a presença de Jesus onde duas ou três pessoas se reúnem em seu nome, i.e., onde Jesus é a razão de pessoas se reunirem (Mt 18.20).

Às palavras de Jesus subjazem elementos pastorais próprios do *bom pastor* e são

⁴ Cf. BARCLAY, William. *Palavras-chaves do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 45; cf. também LOUW, Johannes; NIDA, Eugene (Edit.). *Léxico grego - português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. Barueri - SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. p. 121 e 110.

⁵ Detalhes cf. na abordagem de COENEN, Lothar. Kirche. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans (Edit.). *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*. Wuppertal: Theologischer Verlag R. Brockhaus, 1977. v. 2, p. 784-798. Obs.: a obra referida nesta nota foi traduzida para a língua inglesa e da língua inglesa para a língua portuguesa sob o título *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento* e publicada pela Vida Nova em várias edições.

⁶ *Cristo* significa *Messias*. É disso que se trata quando se fala de crer em Jesus Cristo.

⁷ Cf. At 10.34-48; 15.1ss; Ef 2.11-22.

⁸ Cf. a construção μου τῆν ἐκκλησίαν (minha igreja).

a diretriz para o pastoreio da *ekklêsia* a ser exercido por líderes incumbidos deste ministério.⁹

c) A *ekklêsia* (comunidade) é um ato criador de Deus pelo agir do Espírito Santo (At 2). Não se deve confundir entre o ato criador de Deus e a resolução humana de planejar ou querer alguma coisa. Onde pessoas se encontram para fundar ou plantar uma igreja, na melhor das hipóteses, surge uma organização - uma instituição que com o decorrer do tempo corre o risco de se transformar em um *clube religioso*. A *ekklêsia* neotestamentária enquanto grandeza teológico-espiritual, porém, é um *organismo vivo*.¹⁰

d) Paulo como articulador teológico da realidade da *ekklêsia* no NT. Alguns intérpretes falam do apóstolo Paulo como fundador do cristianismo; outros, de restaurador do judaísmo; outros de fundador do universalismo e ainda outros de adversário do judaísmo.¹¹ De tudo isso não se trata. E quando se fala da realidade da *ekklêsia* não se trata de uma invenção. E, obviamente, articulador não significa inventor. Embora Paulo seja o principal portador do termo *ekklêsia*, não é com ele que ela inicia.

“Articulador” aqui expressa que Paulo aprofundou e desdobrou teologicamente a realidade da *ekklêsia* nas suas cartas ou nos escritos no NT que portam seu nome. Para isso, ele recorreu a várias metáforas como: *corpo*, *corpo de Cristo*, *lavoura*, *edifício de Deus*, *santuário de Deus* que é habitado pelo Espírito de Deus (por exemplo: 1Co 3.9,16-17; 12.12-13). Portanto, a essência da questão não é o termo como tal, mas a realidade referida.

Em consonância com Mt 16.18, Paulo não deixa dúvidas: a *ekklêsia* (comunidade) é de Deus (1Co 1.2; 11.16 e 22; 2Co 1.1; Gl 1.13; 1Ts 2.14; 2Ts 1.4). Por experiência própria, o apóstolo sabe que Jesus se identifica de tal modo com a comunidade que quem investir contra ela toca na menina dos olhos do próprio Jesus (Cf. At 9.1-6). O fato de Paulo ter perseguido a *ekklêsia* de Deus (Gl 1.13) parece ter-lhe pesado na consciência a vida toda; no mínimo ele nunca se esqueceu disso (1Co 15.9; 1Tm 1.12-16). Salvo correção por amostragem convincente, arriscamos a afirmação que a experiência de Paulo de

⁹ Cf. Jo 10; 1Pe 5.1-4.

¹⁰ Remetemos ao livro desafiador e em vários sentidos “polêmico” de BRUNNER, Emil. *O equívoco sobre a igreja*. Tradução de Paulo Arantes. São Paulo: Novo século, 2000.

¹¹ Informações a respeito: TAUBES, Jacob. *Die Politische Theologie des Paulus*. 3. ed. München: Wilhelm Fink Verlag, 2003; BADIOU, Alain. *São Paulo. A fundação do universalismo*. Tradução de Wanda Caldeira Brandt. São Paulo: Boitempo, 2009; SANDEERS, E. P. *Paulus und das palästinische Judentum. Ein Vergleich zweier Religionsstrukturen*. Tradução da língua inglesa para a língua alemã de Jürgen Wehnert. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985; DÜSING, Edith. *Nietzsches Denkweg. Theologie - Darwinismus - Nihilismus*. 2. ed. München: Wilhelm Fink Verlag, 2007. p. 167-176 e o.

que Jesus se identifica inteiramente com sua comunidade cunhou a compreensão dele de *ekklêsia*, sua própria identificação com ela e seu empenho a favor dela depois dessa experiência.¹² A metáfora para a *ekklêsia* como *corpo* e *corpo de Cristo* que Paulo emprega várias vezes nas suas cartas expressa essa realidade - por exemplo: Rm 12.3-8; 1Co 12.12-13 e 27.

Daqui novamente decorrem aspectos teológico-pastorais para o ministério cristão em nossos dias. Ministério cristão vai muito além daquilo que de um bom tempo para cá na linguagem teológica convencionou-se como “aconselhamento pastoral”. Apesar de sua expressão arcaica e a interpretação ambígua que se fez dela, em vez de usar a expressão “aconselhamento pastoral” seria mais adequado falar de cuidado pastoral no sentido de “cura d’alma”.

1.2 Igreja como realidade empírico-social ou a igreja visível no NT

Aqui não se trata de fazer uma abordagem sociológica de igreja nos termos de uma sociologia da religião. Reitera-se que realidade teológica de *ekklêsia* e realidade empírica dela se condicionam mutuamente, quer dizer, uma implica a outra. Do contrário, tratamos ou de ficção religiosa - de uma realidade virtual - ou de um clube social. Nestes termos, Ralf Luther diz acertadamente:

A comunidade como corpo de Cristo é uma grandeza visível. O Espírito de Cristo é invisível - seu corpo, porém, é visível. Jesus chama a comunidade de cidade na montanha (Mt 5.14); ele diz: sua unidade (o ser um, o eficazmente estar unido das mais diversas pessoas nela) deveria ser percebida pelo mundo e por meio disso seu envio divino ser reconhecido (Jo 17.20-23). Um corpo invisível é um ferro de madeira. A comunidade é para ser o órgão através do qual Cristo atua para dentro deste mundo extremamente real. Aqui sobre a terra, onde os fatos se empurram duramente, a comunidade tem sua tarefa. Para efetuar essa tarefa, ela, todavia, deve ser uma forma(ção) bem sólida, visível e palpável; portanto, ela precisa ser corpo. Dizer que segundo sua essência a (verdadeira) comunidade deva ser invisível, significa de modo geral abrir mão da sua tarefa no mundo.¹³

Em consonância com o teor das palavras de Ralf Luther está a frase de Riesner que diz: “O maior serviço que nós podemos prestar à sociedade consiste na formação

¹² Aqui pode-se mencionar como exemplo grande parte de 2 Coríntios; cf. especialmente 2Co 11.28.

¹³ LUTHER, Ralf. *Neutestamentliches Wörterbuch*. Eine Einführung in Sprache und Sinn der urchristlichen Schriften. 17. ed. Hamburg: Furche-Verlag, 1966. p. 72. A tradução é nossa.

de comunidades vivas”.¹⁴ Pelo fato de a *ekklêsia* não ser divisível e separável em realidade teológico-espiritual e realidade empírico-social, realidade invisível e visível, é imperativo não fazer leituras ingênuas e unilaterais do NT no que se refere à igreja, ou seja, leituras das quais “abstrai-se” um ideal de comunidade que não existe em lugar nenhum - uma verdadeira *utopia* ou então uma visão de comunidade onde tudo é possível - um verdadeiro esconde-esconde legitimador atrás de todos os gostos e jeitos. Isso nos leva a algumas ponderações sobre *perfis* da *ekklêsia* no NT.

1.2.1 *Perfis ou aspectos gerais da igreja cristã das origens*

A expressão *igreja cristã* não se encontra no NT. Por conseguinte, ao se usar essa expressão, é necessário dar-se conta de que alguém dos apóstolos de Jesus Cristo tenha pensado *igreja cristã* à parte do povo de Deus - da *kahal* (congregação) de Deus - muito menos em oposição ao povo de Deus, no NT mais conhecido como judeus (judaísmo) e vinculado a ele o templo e as sinagogas, apesar de registros de conflitos entre seguidores de Jesus e judeus ou representantes deles. Fato é que no período dos apóstolos nem o judaísmo e nem a “igreja cristã” eram uma grandeza uniforme.

Considerado e resguardado o acima dito, para fins didáticos pode-se falar de: (1) Igreja cristã de cunho judaico em Jerusalém; (2) Igreja cristã judaico-gentílica e (3) Igreja cristã gentílica. Distinções ou classificações são necessárias, mas elas nem sempre podem ser feitas de forma clara, pois os *perfis* se entrecruzam. O perfil pode ser determinado por vários fatores, dos quais destacamos dois: *um* é a composição étnico-cultural dos que formam a igreja cristã; *outro* são convicções e compreensões interiores ou de natureza espiritual. Em última análise, esses fatores e outros mais se condicionam mutuamente e podem ter fortes reflexos na *ekklêsia* como grandeza empírico-social, i.e., seu modo de vida.

Dentro desta linha de argumentação, constata-se o seguinte: (1) Já nos primórdios do período neotestamentário (séc. I d.C.) existiam várias comunidades uma ao lado da outra na mesma cidade. Apesar de a maioria das cidades ser pequena, a existência de várias comunidades não era vista necessariamente como concorrência nem levou automaticamente a rotulações.¹⁵ De outra parte, podia haver, sim, na mesma comunidade cristã, partidos ou grupos que ameaçavam a comunhão cristã - por exemplo: ICo 1-4; Gl 1-2; (2) Nem todas as comunidades tinham a mesma compreensão

¹⁴ RIESNER, Rainer. *Apostolischer Gemeindeaufbau*. Giessen: Brunnen Verlag, 1978. p. 103.

¹⁵ Cf. GEHRING, Roger W. *Hausgemeinde und Mission*. Die Bedeutung antiker Häuser und Hausgemeinschaften - von Jesus bis Paulus. Giessen - Basel: Brunnen Verlag, 2000. p. 128ss.; p. 220ss.

em torno de assuntos relevantes como, por exemplo, os *dons espirituais* (Cf. 1Co 12 e 14) e (3) Por conta de perfis diferentes, houve e surgiram estilos de vida comunitária distintos. Seria um equívoco transferir a “comunhão de bens” e o modo de vida de seguidores de Jesus em Jerusalém registrado em At 2.42-47 e At 4.32-35 para todas as comunidades cristãs das origens como o *ideal* a ser buscado para todos os tempos e em todos os lugares.¹⁶

Não faltaram tentativas de distinguir e definir modelos de comunidade e liderança no NT. Por exemplo, Eduard Schweizer fala de três modelos:

a) O *modelo palestinese*. Este estaria presente e perpetuado no Evangelho segundo Mateus, na obra dupla de Lucas (Evangelho segundo Lucas e livro de Atos) e nas Cartas pastorais. Conforme Schweizer, nestes livros bíblicos se dá ênfase forte aos cargos oficiais e à tradição.

b) O *modelo das comunidades joaninas*. Nelas sobressai o agir presente do Espírito (ο πνεύμα), de modo que os cargos oficiais na comunidade e a tradição praticamente desaparecem.

c) O *modelo paulino de comunidades*. Aqui teríamos um modelo intermediário entre os dois outros, com tendências ao modelo joanino, que é o da *liberdade do Espírito*.¹⁷

Uma classificação categórica como a que Schweizer faz é problemática por alguns fatores que destacamos:

1. Nas comunidades paulinas existe quase que um emaranhado de variedades de formas de vida. Olhando para as cartas paulinas, não vamos encontrar o que poderíamos classificar como *comunidade paulina normal* (ou comum), pois as situações concretas retratadas nas cartas dão outra impressão.

Por exemplo: na Galácia ou na *Igreja provincial da Galácia* tende-se a voltar a uma forma de religiosidade legalista determinada por aspectos da tradição judaica (Gl 5.3) ao passo que em Corinto se verifica tendências para um carismatismo prestes a diluir toda e qualquer *forma* e *norma* de vida previsível. Já na comunidade cristã em Tessalônica, alguns meses depois da fundação da comunidade, o apóstolo precisa admoestar os tessalonicenses para que não desprezem uma manifestação carismática tão importante como a *profecia* (1Ts 5.20).

¹⁶ Para trabalhar adiante: BRAKEMEIER, Gottfried. O “socialismo” da primeira cristandade. Uma experiência e um desafio para hoje. São Leopoldo: Sinodal, 1985; MEEKS, M. Douglas. *Economia global & economia de Deus*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2001; A IGREJA: uma visão ecumênica. Traduzido por Odair Pedroso Mateus e Marie Ann Wangen Krahn. São Paulo: ASTE, 2015.

¹⁷ SCHWEIZER, Eduard *apud* RIESNER, Rainer. *Apostolischer Gemeindebau*. Giessen u. Basel: Brunnen Verlag, 1978. p. 9-10.

2. Se tomarmos a sério o que Paulo diz nas cartas, devemos admitir que, a priori, não existe uma tensão irreconciliável entre *carisma* e *função/ofício*, entre *Espírito e direito* (eclesial), entre *liberdade e autoridade*, e entre *profecia e tradição*.¹⁸ Inversamente, uma não garante nem depende da outra.

Assim sendo, a unidade de uma comunidade cristã não consiste somente das situações concretas que se verificam nela, ou seja, não é apenas nem em primeiro lugar uma grandeza empírica. A unidade é um *dado teológico* e ao mesmo tempo sempre uma tarefa desafiadora para todas as gerações e épocas. Agora sim, podemos olhar um pouco mais de perto os perfis da igreja cristã sob seu ponto de vista empírico-sociológico. Portanto:

1.2.2 Igreja cristã de cunho judaico em Jerusalém

Conforme o testemunho mais claro do NT, a Igreja cristã se forma em Jerusalém. E de acordo com a compreensão e interpretação convencional, a Igreja cristã se constitui como *corpo visível* a partir do primeiro Pentecostes depois da ressurreição de Jesus (At 2).¹⁹ De qualquer modo, não há como negar que a *salvação vem dos judeus*, porque Jesus era judeu (Jo 4.22) e porque agradou a Deus escolher este povo como povo de *sua propriedade exclusiva*. Tratou-se de uma livre escolha de Deus (Êx 19.5-6; Dt 7.6-8). Contudo, esta escolha não visava somente este povo escolhido *em primeira mão*, mas todos os povos (Gn 12.1ss.). E apesar de o povo escolhido por Deus ter *falhado* muitas vezes ao longo de sua história no Antigo Testamento, Deus não desistiu: investiu tudo nele, o que alcança seu clímax no envio de Jesus Cristo, visando principalmente a “casa de Israel” (Mt 10.1-7; 15.24). E no final da linha desta “investida” de Deus está uma tragédia: a rejeição definitiva de Jesus Cristo no coração do povo de Deus - Jerusalém e seu templo - orgulho e arrogância teológica e economia religiosa.

Ainda assim, a história de Deus com este povo e nesta cidade não foi simplesmente deletada. Pelo contrário, a Igreja cristã das origens surgiu em Jerusalém e permaneceu arraigada nesta cidade, ao menos enquanto o templo ainda não tinha sido destruído. Em torno do nome *Jerusalém* se agregavam as instituições constitutivas do povo

¹⁸ Cf. RIESNER, 1978, p. 10.

¹⁹ A rigor, se Igreja cristã significa o conjunto de pessoas que seguem Jesus e creem nele como o *Cristo* (Messias), então não é feliz dizer que o Pentecostes registrado em At 2 é o nascimento da igreja, pois antes do episódio conhecido como *derramamento* ou *descida do Espírito Santo* havia seguidores e seguidoras de Jesus não só em Jerusalém; lá sim (At 1.1-15; 2.1-4). Pastoralmente falando, é difícil negar a essas pessoas o *status de ekklesia*. Mas isso é um assunto que demanda uma abordagem mais aprofundada e detalhada que não pode ser feita aqui.

de Deus desde tempos remotos que voltam ao período do AT, a saber: (1) *A Lei*; (2) *O Sábado*; (3) *A Circuncisão*; (4) *A Terra* (prometida, dada e interinamente novamente retirada do povo); (5) *O Templo* e (5) *As Sinagogas*.

De fato, pode-se dizer que estas eram as *instituições constitutivas* do judaísmo que o mantiveram ao longo da sua existência e garantiram que o povo judeu mantivesse sua identidade em meio às oscilações da história. Com o passar do tempo, a erudição rabínica se encarregou de incrementá-las, principalmente a *Tora* com interpretações pormenorizadas e especulativas.

A igreja cristã das origens não só não se afastou de Jerusalém, mas se entendia como parte integrante deste povo e, conseqüentemente, participava da vida comunitária do judaísmo: leitura da *Tora*, observação do sábado, a circuncisão, observação dos tempos de oração, o calendário festivo e suas dietas alimentares. O exemplo mais claro disto encontra-se no próprio livro de Atos, especialmente nos primeiros capítulos (At 2.46; 3.1, etc.).

Naturalmente, a Igreja cristã primitiva não se limitava aos moldes da vida comunitária judaica do templo, mas a excedia em alguns aspectos. At 2.42 sintetiza a vida comunitária como *perseverança* na (1) doutrina dos apóstolos, que era a tradição ou transmissão e proclamação dos grandes feitos de Deus em Jesus Cristo; (2) comunhão, o que incluía a *partilha de bens*; (3) no partir do pão - a diaconia e (4) nas orações. Além do tempo fixo para a oração, cultivava-se a “oração livre”, inclusive em circunstâncias específicas orava-se possivelmente a noite inteira (At 12.5,12). Por trás desta forma de viver estava a “força” dos doze discípulos marcados profundamente pela experiência com o próprio Jesus. Como é possível ver, tratava-se de uma forma de convivência bastante próxima e organizada.²⁰

1.2.3 Igreja cristã judaico-gentilica

Era formada pelas comunidades cristãs compostas por judeus e gentios. Elas eram fruto especialmente da atividade dos “helenistas”, mas não exclusivamente. Usamos a expressão “helenista” em duplo sentido: *um* significa judeus de cultura grega; o *outro* significa gregos ou pessoas de outra nacionalidade que tinham aderido inteiramente ao judaísmo - conhecidos como *prosélitos* ou simpatizantes do judaísmo - pessoas *tementes a Deus*, mas que não aderiram ao judaísmo, quer dizer, não se submeteram à circuncisão e outros rituais e dietas alimentares.

²⁰ Cf. RIESNER, Rainer. *Formen gemeinsamen Lebens im Neuen Testament und heute*. Giessen und Basel: BrunnenVerlag, 1977.

A maioria desses judeus de cultura grega (“helenistas”) viveu um bom tempo na diáspora, quer dizer, fora da terra de Israel. Alguns deles passaram a residir interinamente ou na sua velhice na Judeia, mais precisamente em Jerusalém. Por conta disso, havia no mínimo uma “Sinagoga helenística”, i.e., de fala grega em Jerusalém. Dos sete *diáconos* nomeados em At 6.1ss., seis parecem ter sido judeus de cultura grega, pois têm nomes gregos, e um - Nicolau de Antioquia - é caracterizado como *prosélito* (At 6.5).

A perseguição desencadeada em torno de Estevão em Jerusalém (At 6.8-7.60) e que depois assumiu proporções geográficas maiores (At 8.1-3; 9.1ss.) tinha a ver não só com o seguimento a Jesus e a confissão de que ele é o Cristo (Messias), mas tinha a ver também com uma postura mais independente das instituições do judaísmo, especialmente do templo em Jerusalém. As acusações feitas contra Estevão têm semelhanças com as acusações feitas contra Jesus e que levaram a sua condenação. Antes de se tornar seguidor e apóstolo de Cristo, Paulo estava envolvido ativamente nessa perseguição. Porém, ele não perseguia simplesmente cada discípulo de Jesus que encontrava pela frente, mas principalmente aqueles que tinham uma postura semelhante à de Estevão, quer dizer, judeus helenistas.

Decorrente desta perseguição surgiu um movimento missionário que transcendeu de vez os limites geográficos e também étnicos do judaísmo. Surgiu, por assim dizer, um *centro* missionário, especialmente em Antioquia da Síria. Foi lá que mais tarde o próprio apóstolo Paulo recebeu impulso e apoio fundamentais para sua atividade missionária entre gentios.

As comunidades cristãs judaico-gentílicas tinham perfis diferentes da comunidade cristã das origens em Jerusalém. Essas diferenças geravam tensões entre a Igreja-mãe em Jerusalém e as “filiais” fora da terra de Israel, inclusive surgiram conflitos internos entre judeus-cristãos e gentios-cristãos nas mesmas comunidades. Existem provas textuais contundentes a respeito e da busca por soluções. Basta mencionar Atos 15 e Gl 2. Estas duas narrativas também deixam claro que decisões ou resoluções conciliares não garantem automaticamente a solução dos problemas.

1.2.4 Igreja “gentílico”-cristã

Seriam comunidades cristãs compostas apenas por pessoas de origem não judaica. Na medida em que o evangelho foi anunciado cada vez mais fora da terra de Israel, com o passar do tempo as comunidades cristãs tornavam-se majoritariamente gentílicas. Mesmo neste caso, é difícil imaginar uma *ekklésia de Deus* - uma igreja cristã sem a presença de judeus-cristãos, por menor que fosse o número. Corinto e Roma talvez

sejam exemplos disso. Embora houvesse vários conflitos e tumultos entre seguidores de Jesus e sinagogas judaicas, uma ruptura “definitiva” entre os seguidores de Jesus (igreja cristã) e as sinagogas judaicas ocorreu depois do ano 70 d.C., o término da guerra judaica contra Roma. Isso representou a exclusão de judeus-cristãos das sinagogas,²¹ mas não o fim da presença de judeus-cristãos nas comunidades cristãs.²² É óbvio que a igreja gentílico-cristã tinha um perfil ainda diferente. Mas isso não pode ser detalhado aqui.

2. LIDERANÇA, AUTORIDADE E LÍDERES NA IGREJA CRISTÃ DAS ORIGENS

2.1 Notas preliminares

a) Líderes/liderança, autoridade e *ekklēsia* não são grandezas teológicas e empírico-sociais autônomas e independentes. Eles têm um vínculo vital com Cristo, a quem pertencem, e têm um vínculo entre si por serem membros do mesmo corpo e membros uns dos outros. Liderança e líderes cristãos sem comprometimento com a *ekklēsia* enquanto realidade teológica e empírica - a *ekklēsia visível* - é um contrassenso; líderes nestas condições seriam mais parecidos com *atores*, aplaudidos ou não, que alimentam ou frustram espectadores, mas não contribuem para o crescimento ou a edificação do corpo de Cristo, o que seria sua função de acordo com Ef 4.11-16. Contudo, não raras vezes “líderes” fazem mal ao corpo.

b) Para evitar o caos e a luta de todos contra todos, a sociedade necessita de leis mínimas que a rejam. Quanto mais complexa a sociedade for, mais elaboradas precisam ser as leis que a regem. Precisa-se de “guardiões” das leis. Assim, surgem estruturas de poder hierarquicamente organizadas e delegadas para líderes (autoridades) estabelecidos e assumidos por eles. Ao longo da história, estruturas de poder se tornaram inquestionáveis e geraram Estados (Reinados e Impérios) absolutistas, não raras vezes

²¹ Cf. HENGEL, Martin. *Christus und die Macht*. Die Macht Christi und die Ohnmacht der Christen. Zur Problematik einer “Politischen Theologie” in der Geschichte der Kirche. Stuttgart: Calwer Verlag, 1974. p. 31.

²² Quando em 66-70 eclodiu a guerra judaica contra Roma, a Comunidade cristã das origens de cunho judaico abandonou Jerusalém e se refugiou num lugarejo chamado *Pela*, no interior da Palestina. E de lá ela desaparece do mapa das informações oficiais, aquelas informações a que mais se tem acesso e que mais foram veiculadas também nos meios acadêmicos cristãos. Mais tarde ouviu-se dela como de um grupo de *ebionitas* - autocaracterizados como *os pobres* de acordo com Mt 5.3. Talvez se inspirassem num ideal de pobreza que julgavam poder abstrair de palavras de Jesus segundo a tradição dos Sinóticos. Para informações adicionais, cf. CULLMANN, Oscar. *Ebioniten*. In: GALLING, Kurt. *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*. Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft. Tübingen: J. C. B. (Paul Siebeck), 1958, col. 297-298. Ademais, Taubes chama a atenção para o fato de hoje existirem testemunhos em manuscritos árabes de que até o século X existiram judeus-cristãos; cf. TAUBES, Jacob. *Die Politische Theologie des Paulus*. 3. ed. München: Wilhelm Fink Verlag, 2003. p. 34-35.

com conotação religiosa - verdadeiras “grandezas metafísicas”, conscientes de sua vocação “divina”.²³ A *ekklêsia* também precisa de liderança, líderes e, por conseguinte, “estruturas de poder” - elas fazem parte da *ekklêsia*, pois nela, por natureza, não existe só “Espírito Santo e verdade”. Engana-se quem acha que a *ekklêsia* pode abrir mão disso.

c) Contudo, é imprescindível dizer que estruturas organizacionais não são a essência da *ekklêsia*. Consequentemente, ela como *corpo de Cristo* (1Co 11.29)²⁴ deve ser liderada de maneira diferente que qualquer outro corpo ou organização. E não é por acaso que Jesus diz: “Edificarei a minha igreja” (οἰκοδομήσω μου τὴν ἐκκλησίαν [Mt 16.18]). Assim, *liderança cristã* não é dominação ou exercício de fazer valer à força a vontade de quem nela exerce uma função. É com honestidade e tristeza que se deve admitir e reconhecer que não só modelos de estruturas de poder seculares foram e ainda são assumidas pela igreja cristã (instituição), mas que interesses do Estado e da Igreja se irmanaram em muitos momentos para um cooptar o outro para o seu próprio interesse - se não tiveram interesses comuns.

2.2 Breve definição de liderança e autoridade na igreja no NT

2.2.1 Liderança/líderes

O NT não emprega um termo técnico específico e singular para caracterizar “liderança” ou mesmo “líderes”. Emprega, isto sim, alguns “termos técnicos” para se referir a pessoas que exercem alguma função na *ekklêsia* sem que se especifique a tarefa ou nomine as pessoas, com raras exceções. Uma terminologia específica à parte, mas que não pode ser abordada aqui devido à sua complexidade, são *presbíteros* (Cf., por exemplo, At 11.30; 14.23; 15.2; 16.4; 20.17; Tt 1.5), *episcopos*, *episcopado* (Cf. Fp 1.1; 1Tm 3.1; Tt 1.7), *diáconos* (Cf., por exemplo, Fp 1.1; 1Tm 3.8; At 6.3)²⁵ e *apóstolos*, *profetas*, *evangelistas*, *pastores* e *mestres*, mencionados em Ef 4.11.

Para liderar/liderança se destacam, por exemplo, os seguintes termos: (1) *kybernêsis* (κυβέρνησις), que significa *administração*. No NT ocorre somente em 1Co 12.28. Da mesma raiz da palavra que se forma *kybernêsis* forma-se *kybernêtês* (κυβερνήτης). É linguagem originária de embarcações navais e significa *capitão*, *piloto*, *timoneiro* (At 27.11;

²³ Entre outros, um exemplo é o Império Romano sob o “divino Augusto”. Quase ninguém ousava oferecer resistência, com exceção do “pequeno povo dos judeus e da comunidade cristã emergente dos judeus”, diz HENGEL, Martin. *Christus und die Macht. Die Macht Christi und die Ohnmacht der Christen. Zur Problematik einer “Politischen Theologie”* in dVverlag, 1974. p. 12.

²⁴ A expressão “discernir o corpo” não se refere aos elementos da Ceia do Senhor, mas aos irmãos e às irmãs na fé que na verdade são ou compõe o corpo de Cristo, que é uma metáfora para *ekklêsia*.

²⁵ Uma abordagem desafiadora para aprofundar o assunto é o livro de ALMEIDA, Antonio José de. *O ministério dos presbíteros-episcopos na igreja do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2001.

Ap 18.17)²⁶ e (2) *prohistêmi* (προϊσθημι), que tem vários significados. Citemos Gingrich e Danker literalmente: “1. *estar à frente (de), liderar, dirigir* com gen.²⁷ ITs 5.12; ITm 3.4s., 12; 5.17. Talvez Rm 12.8; ITs 5.12. - 2. *Estar preocupado com, cuidar de, ajudar* talvez Rm 12.8; ITs 5.12. *Ocupar-se com, engajar-se em* Tt 3.8,14”.²⁸ Parece-nos que aqui ainda não se trata de um *ministério constituído*, em todos os casos não nos termos que conhecemos hoje, mas de tarefas ou funções exercidas por pessoas dentro da *ekklêsia*.²⁹

Contudo, o que chama a atenção é que estes termos do mundo técnico-administrativo e de embarcações são arrolados em meio a *carismas* ou *dons espirituais* dados para o bem do *corpo de Cristo*. Isso é uma conotação poimênica/pastoral que deixa evidente que liderança na comunidade cristã tem a finalidade de servir e não de ser servido, muito menos de exercer domínio, mostrar força. Ela também transcende capacidades tecnicamente adquiridas (quer dizer, por treinamento) e não deve ser confundida com “conhecimento de causa” na área técnico-administrativa. Em última instância, ela se inspira e espelha no próprio Jesus, que está na contramão do domínio usual no mundo (Mc 10.35-45; cf. também 2Co 1.24; 1Pe 5.1-4). Daqui abstrai-se uma coerência entre liderança cristã e a natureza da “liderada” ou dos liderados, no caso a *ekklêsia de Deus*, cuja existência se deve à vocação superior do próprio Deus (Rm 9.24; Ef 4.1; 2Tm 1.9).

2.2.2 Autoridade (e poder)

Autoridade (e *poder*) é conferida por um superior a alguém inferior ou subordinado. Ninguém pode dar-se autoridade por si mesmo. Caso o faça, se trata de arrogância, arbitrariedade e despotismo. Obviamente, autoridade conferida não tem imunidade contra arrogância, arbitrariedade e despotismo.

Autoridade e *poder* não dependem da terminologia em si, mas a transcendem. Contudo, existem termos que se destacam neste quesito; trata-se acima de tudo da palavra *exousia* (ἐξουσία) e *dynamis* (δύναμις) e cognatos. Cada uma dessas palavras pode ocorrer de forma isolada e figurar como sinônimo da outra (Cf. Mt 10.1; At 1.8), mas elas também podem ocorrer uma ao lado da outra e variar de sentido ou representação (por exemplo: At 1.7-8; 1Pe 3.22). Ambas as palavras não são prerrogativas cristãs (quer

²⁶ Cf. GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984 (reimpressão em 1986). p. 122.

²⁷ Quer dizer *dirigir bem, com bondade*.

²⁸ GINGRICH; DANKER, 1984 (reimpressão 1986), p. 176.

²⁹ Cf. LOHRMANN, Walter. *Fruto e dons do Espírito Santo*. Tradução de Arthur H. Stahlke. São Bento do Sul: União Cristã, 2008. Várias páginas.

dizer, de testemunhas diretas do evangelho). Por exemplo: Pilatos tem poder sobre Jesus (Jo 19.10-11; 1Co 2.6-8, especialmente o v. 8), o tentador (diabo/Satanás) tem poder ou arrogância ter autoridade sobre os reinos do mundo (Lc 4.6; cf. também 2Co 4.3-4), autoridades seculares instituídas têm poder (Rm 13.1-7), há poderes e autoridades opostos ao evangelho, à vida e também a quem segue a Jesus Cristo (Rm 8.38; Ef 2.2; 6.11-12; Ap 13.2).

De forma breve, queremos destacar aspectos centrais concernentes à *autoridade* (ἐξουσία) cristã (quer dizer, dos seguidores de Jesus):

a) Autoridade é conferida ou outorgada. Ninguém pode outorgá-la a si mesmo nem reivindicá-la para si. Mesmo Jesus - o “portador” da autoridade por excelência (Mc 2.10; Jo 10.18) - não a arrogou para si e nem se apegou a ela como a um direito que lhe assiste, mas a recebeu de seu Pai celeste no tempo devido (Fp 2.5-11; Mt 28.18). Jesus não é solista da autoridade. Ele a outorga a seus seguidores para tarefas específicas e para o ministério (serviço/diaconia) como tal (ex.: Mt 10.1; At 2.14ss.; 4.8ss., principalmente os v. 19-20). Autoridade e poder não podem ser usurpados nem negociados, tampouco é truque ou magia humana que se possa imitar (At 8.18-20; At 19.13-20).

b) Autoridade é perceptível (por exemplo: Mc 1.22; Mt 7.28-29; cf. também Lc 10.17-20; At 4.13),³⁰ mas ela não é sinônimo de êxito ou sucesso. O ministério terreno de Jesus e dos apóstolos não foi coroado de aplausos e honrarias.

c) Autoridade não é concessão ou direito adquirido por (con)curso espiritual ou qualquer capricho humano. Ela pode ser revogada ou retirada.³¹ Neste caso, o que resta é fazer barulho, palavreado, talvez exercitar poder sugestivo, manipular psicologicamente pessoas e tentar coagí-las em “nome de Deus ou de Jesus” - o que configuraria abuso de poder, talvez inconsciente, talvez consciente.

d) Poimênica ou pastoralmente falando, o “mistério” de autoridade cristã na vida da pessoa é o permanecer em Jesus Cristo e em sua palavra, tal qual nos é dito na figura da *videira*, do *agricultor* e dos *ramos* em Jo 15³² (Cf. também 1Co 9.26-27). Existe uma postura coerente ou incoerente com *autoridade* e *poder* procedentes de Deus: *exousia*

³⁰ Em At 4.13 aparece a palavra *intrepidez* (*parrésia* - παρρησία) e retrata o que é autoridade, a liberdade e destemor interior para falar, independente das circunstâncias exteriores (cf. também Jo 7.26; 16.29; At 2.29).

³¹ Um exemplo de revogação da autoridade é o rei Saul (1Sm 10ss. Cf. também 1Sm 2.22-36; 3.1).

³² Cf. também SCHRENK, Gottlob. *Geistliche Vollmacht heute*. Basel: Verlag von Heinrich Majer, 1946; KEMNER, Heinrich. *Vollmacht und Sendung*. Stuttgart-Sillenburg: Verlag Goldene Worte (sem ano de publicação); SORG, Theo. *Ruf und Vollmacht*. Von den Grundlagen geistlichen Dienstes. Giessen; Basel: Brunnen Verlag, 1965; HAACKER, Klaus. *Vollmacht und Ohnmacht - Charisma und Kerygma*. Bibelarbeit über Apg 14, 8-20. In: HAACKER, Klaus; SORG, Theo (Edit.). *Theologische Beiträge*. Wuppertal: Verlag Rolf Brockhaus, 1988. p. 317-324.

divina permanece vinculada ao Senhor crucificado e ressurreto, o que exclui qualquer arrogância - seja ela intelectual ou espiritual (1Co 2.1-5). Fraqueza humana não é impedimento para a *exousia* (Cf. 2Co 12-1-10), mas permanecer no pecado sim (Jo 15).³³

2.3 Líderes na igreja cristã das origens

Trata-se de mencionar nomes conhecidos de líderes ou autoridades da Igreja cristã das origens e destacar algumas características e/ou funções que exerciam.

2.3.1 Os doze apóstolos³⁴

O destaque de Pedro entre os demais apóstolos no NT está muito claro. Ele foi o primeiro líder da Comunidade cristã primitiva em Jerusalém, mas não o único. Os outros apóstolos também exerceram funções de liderança em Jerusalém, porém não durante muito tempo. Entretanto, enquanto permaneceram em Jerusalém, os apóstolos como *colegiado* dirigiram a Comunidade dos seguidores de Jesus como um todo, ou seja, tanto a comunidade de fala aramaica³⁵ quanto a *parte* da comunidade de fala grega. A partir dos dados registrados no NT, especialmente no livro de Atos, Pedro era o “presidente”³⁶ do colegiado dos apóstolos. Outros fatores eram mais importantes do que as funções específicas que os doze apóstolos exerciam, por exemplo: o número *doze* é significativo, pois tinha uma *função-sinal* de que o chamado à *meia-volta* valia para todo o Israel e não só para uns poucos ou para um resto. “Essa função”, diz Schenke, “os ‘doze’ só podem ter exercido como grupo”. Consequentemente também devem ter aparecido conjuntamente em público.³⁷ Neste sentido, eles estão na tradição ou na continuidade do próprio Senhor Jesus (Mt 10) e, inicialmente, não transcenderam o espaço geográfico da própria Jerusalém, pois lá esperavam a irrupção do reino de Deus.

O que causa estranheza é o fato de sabermos tão pouco no NT da maioria deles. Apenas o nome de dois dentre eles é preservado por escritos específicos no NT - Pedro e João (1 e 2 Pedro, e os escritos joaninos). Ademais, chama a atenção que, por ocasião da sua primeira viagem para Jerusalém, Paulo escreve ter-se encontrado apenas com

³³ Cf. HERBST, Michael. Mit Vollmacht predigen. In: HAACKER, Klaus; HEMPELMANN, Heinzpeter; HENNIG, Gergard (Edit.). *Theologische Beiträge*. Haan: Brockhaus Verlag, 1999. p. 60-73, aqui especialmente p. 64-65.

³⁴ Referente a apóstolo, cf. WIESE, Werner. Apóstolo. In: *Dicionário brasileiro de teologia*. São Paulo: ASTE, 2008. p. 60-64.

³⁵ Possivelmente um dialeto.

³⁶ SCHENKE, Ludger. *Die Urgemeinde*. Geschichtliche und theologische Entwicklung. Stuttgart; Berlin; Köln: Verlag W. Kohlhammer, 1990. p. 75.

³⁷ SCHENKE, 1990, p. 75.

Pedro e, além de Pedro, não ter visto nenhum dos outros apóstolos, exceto Tiago, o irmão do Senhor (Gl 1.18-19). Essa viagem ocorreu três anos depois da conversão de Paulo, i.e., em torno de cinco anos depois do surgimento da Igreja cristã primitiva em Jerusalém. A pergunta é: Por que Paulo não encontrou ou menciona os outros apóstolos? Uma hipótese com certo grau de probabilidade é que já naquela época os *doze* não se encontravam mais em Jerusalém como *colegiado de líderes*. E catorze anos mais tarde (Gl 2.1ss.), Paulo novamente viajou para Jerusalém e cita apenas três como “reputados colunas” - Tiago (irmão do Senhor), Cefas (Pedro) e João (Gl 2.9). Cronologicamente a segunda viagem de Paulo para Jerusalém situa-se em torno do ano 48/49 d.C., que é também a época do *Concílio dos apóstolos*. Isso quer dizer que a esta altura os “doze”³⁸ como colegiado não exerciam mais uma função significativa em Jerusalém.³⁹

O que teria acontecido? No NT não encontramos uma resposta de todo satisfatória para essa pergunta. É possível imaginar que o *episódio* em torno de Estevão (At 6-8) tenha “frustrado” a expectativa da irrupção do reino de Deus que teria em Jerusalém seu centro de convergência, que não só atrairia os judeus da diáspora para a cidade santa, mas inclusive os gentios para adorarem ao Deus verdadeiro. Isso não quer dizer que os apóstolos abandonaram a tarefa de chamar todo o Israel à *meia-volta*, só que realizar isso em Jerusalém não era mais possível, pois a cidade santa e seus líderes não só haviam resistido a este chamado, como também perseguido os “mensageiros de Jesus”. Por esta razão o chamado à *meia-volta* teve que ser levado para o Israel disperso - o Israel na diáspora. É possível imaginar que em função disto os *doze* como mensageiros de Jesus deixaram Jerusalém para cumprir sua tarefa fora da cidade santa.⁴⁰ Apesar de isso ter sido possível, causa estranheza que as pegadas da maioria dos *doze* desaparecem no crepúsculo do tempo. Pedro e João são exceções.

2.3.2 Pedro

Ele foi o primeiro líder que conhecemos da Igreja cristã primitiva em Jerusalém. Por quê? Certamente por vários motivos, porém o mais importante deles parece ter sido o fato de Jesus tê-lo escolhido para essa função primária. As provas textuais do NT mais importantes são: Mt 16.17-19; Lc 22.31-32; Jo 21.15-17; 1Co 15.(3-5) (-8); Lc 5.1-11,

³⁸ “Doze” é modo de dizer, pois Tiago, irmão de João, já tinha sido morto por Herodes Agripa I (At 12), no início da década de 40 d.C.

³⁹ Para informações adicionais, cf. BIEBERSTEIN, Sabine; KOSCH, Daniel. *Paulus und die Anfänge der Kirche*. Zurich: Theologischer Verlag Zurich, 2012. p. 29-31; ALMEIDA, Antonio José de. *O ministério dos presbíteros-episcopos do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2001. p. 33-35.

⁴⁰ Cf. SCHENKE, 1990, p. 76-77.

especialmente o v. 10. Ainda outros textos mais poderiam ser arrolados aqui, mas isso não é necessário. Embora Pedro não apareça sozinho, não há como negar que ele ocupa uma função de destaque. A expressão é perigosa, mas dá para arriscar dizer que a igreja cristã também hoje não se pode dar o luxo de ignorar Pedro, ou seja, de ouvir atentamente seu testemunho registrado no NT, sob pena de sofrer prejuízo substancial. Nenhum outro apóstolo testemunha ocular do ministério de Jesus é mencionado tantas vezes como Pedro no NT. Pode-se objetar e dizer que Paulo é mencionado mais que Pedro no NT, especialmente a influência de Paulo no NT é maior do que a de Pedro. Porém, Paulo é testemunha ocular “fora de tempo” (1Co 15.8-9).

Em que sentido a função de Pedro se destaca como líder? *Por um lado*, do ponto de vista *teológico-querigmático*⁴¹ (Cf. especialmente At 2-5), Pedro era testemunha e hermenêuta dos grandes feitos de Deus (At 2.11, 14ss.). *Por outro lado*, ele era um *organizador e estrategista*, muito semelhante a Paulo, diz Hengel,⁴² por exemplo: ele propõe a escolha de um apóstolo para preencher o lugar deixado por Judas (At 1.15ss.); assumiu a palavra na festa no primeiro Pentecostes depois da ressurreição de Jesus (At 2.14ss.); proferiu a *sentença* sobre Ananias e Safira (At 5.1ss.) e foi porta-voz da “nova Comunidade messiânica” diante da hierarquia religiosa em Jerusalém em vários momentos. Juntamente com João, Pedro visitou os novos convertidos ao evangelho em Samaria; censurou Simão, o mágico que tentou “comprar” com dinheiro a *autoridade (exousia)* de Pedro e João (At 8.14ss.), etc.⁴³ Liderança e autoridade cristãs estão unidas na pessoa de Pedro.

2.3.3 Tiago - irmão do Senhor

O NT não cultiva o nome de celebridades. Desta forma, como com a maioria dos apóstolos, o nome de Tiago não é muito mencionado no NT. Porém, a partir de certo momento ele teve muita influência na comunidade cristã das origens. Desconhecemos a razão disto. É imaginável que a ressurreição de Jesus e o efeito dela tenha sido a razão maior, pois durante o ministério terreno de Jesus, Tiago antes parece ter sido cético do que compreensivo para com seu *meio-irmão*, especialmente o que este fazia.⁴⁴

⁴¹ *Querigmático* é um adjetivo grego que deriva de *kêrygma*, que significa *proclamação, pregação*.

⁴² Cf. HENGEL, Martin. *Der unterschätzte Petrus*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007. p. 145ss.

⁴³ HENGEL, 2007, p. 145ss.

⁴⁴ Aliás, em torno da pessoa de Tiago formou-se uma tradição muito rica, que não perde em nada para Pedro e Paulo ou qualquer um dos outros apóstolos. Para tal, cf. PRATSCHE, Wilhelm. *Der Herrenbruder Jakobus und die Jakobustradition*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987. p. 11ss., e outras.

Em todos os casos, o mais tardar a partir da perseguição de Herodes Agripa I contra os seguidores de Jesus em Jerusalém (At 12), o irmão de Jesus assumiu a liderança da Igreja cristã primitiva na cidade (At 12). De lá em diante, tornou-se um dos líderes mais importantes dentro do cristianismo emergente. Ele é mencionado por Paulo em Gl 1.18-19; 2.9 e aparece como um dos principais dirigentes do Concílio dos apóstolos em Jerusalém (At 15). Em Gl 2.12 Paulo menciona mais uma vez seu nome, embora não se saiba bem como entender a expressão “alguns da parte de Tiago”.⁴⁵ Além disto, Paulo o menciona com destaque em ICo 15.7 no contexto das testemunhas oculares da ressurreição de Jesus. Na pesquisa do NT quase que se convencionou Paulo e Tiago como *opositores irreconciliáveis* nas suas convicções teológicas deduzíveis dos conteúdos das suas cartas. Há inclusive quem diga que a carta de Tiago é uma apologia indiretamente feita contra Paulo e, na visão de Paulo, Tiago seria um dos “falsos apóstolos” e dos “obreiros fraudulentos”, alegados em 2Co 11.13ss.⁴⁶ Chama a atenção que na viagem para Jerusalém que redundou no aprisionamento de Paulo, este foi encontrar-se com Tiago, o que o confirma mais uma vez como líder e destaca sua influência para além das fronteiras geográficas da Igreja cristã primitiva em Jerusalém (At 21.17ss).

Em todos os casos, entre Paulo e Tiago existem diferenças teológicas. Elas transparecem, sim, quando se faz uma leitura comparativa das cartas paulinas com a carta de Tiago. Enquanto Paulo enfatiza com muita veemência a salvação por graça, ou seja, pela fé em Jesus Cristo (Cf. Gl 2.16,20; Rm 3.21ss, etc.), Tiago destaca a prática da fé (Cf. Tg 2.14ss). Contudo, as diferenças constatáveis entre os dois líderes não são base suficiente para sustentar *incompatibilidade teológica excludente* de ambos. Parte das diferenças pode estar relacionada a circunstâncias peculiares dos destinatários das suas cartas e da situação específica da comunidade cristã em Jerusalém.⁴⁷ Enquanto Paulo escreve às comunidades cristãs compostas por judeus e gentios, sendo que estes últimos se tornaram maioria numérica, Tiago escreve “às doze tribos que se encontram na Dispersão” (Tg 1.1). Isso faz uma grande diferença. As convicções bíblico-teológicas

⁴⁵ PRATSCHER, Wilhelm. *Der Herrenbruder Jakobus und die Jakobustradition*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987. p. 71ss.

⁴⁶ Cf. SCHMITHALS, Walter. *Paulus und Jakobus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1963.

⁴⁷ Desde a perseguição aos cristãos em Jerusalém apoiada por Herodes Agripa I nos anos 40, a existência da comunidade cristã judaica em Jerusalém estava ameaçada, inclusive comunidades cristãs de tradição judaica fora de Jerusalém, i.e., na diáspora, ligadas à sinagoga sofriam pressões para que se mantivessem fiéis à lei mosaica. Tiago teme pelo futuro da *comunidade mãe*. “Para a comunidade em Jerusalém ele (Tiago) quer alcançar um *modus vivendi* com as autoridades judaicas...”, diz SCHNABEL, Eckhard J. *Urchristliche Mission*. Wuppertal: Brockhaus Verlag, 2002. p. 963. Cf. também SCHMITHALS, Walter. *Paulus und Jakobus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1963. p. 85ss., especialmente p. 86.

básicas de Tiago e de Paulo⁴⁸ não devem ter estado tão distantes umas das outras como à primeira vista pode parecer. Acrescenta-se a isso que, como Paulo, Tiago também se tornou mártir por causa da fé em Jesus Cristo: por volta de 62 d.C., sob a *tutela* do sumo sacerdote *Ananos*, judeus o apedrejaram até a morte.⁴⁹

2.3.4 Paulo

Ele nasceu em Tarso por volta de 5 d.C. como filho de pais judeus, descendentes da tribo de Benjamim, “hebreu de hebreus”. Seus pais eram leais à lei judaica e pertenciam aos círculos dos fariseus e o próprio Paulo tornou-se fariseu letrado e rigoroso observador da lei e das tradições judaicas (Gl 1.13-14; Fp 3.5-6; At 23.4-6). Ele conhecia a Lei mosaica e as tradições judaicas como poucos outros em sua época. Em Damasco, teve um encontro inesperado com o Senhor Ressurreto (At 9.1ss). Esse encontro transformou Paulo de um zeloso observador da Lei mosaica e resoluto perseguidor da igreja de Deus num pregador zeloso do evangelho entre judeus e gentios. Tornou-se o líder cristão que influenciou mais do que qualquer outro apóstolo a igreja cristã da segunda metade do séc. I d.C. e de todos os tempos. Dos 27 livros do NT, 13 cartas levam o nome de Paulo como remetente; em 7 delas são citados dois ou mais remetentes (1Co; 2Co; Fp; Cl; ITs; 2Ts e Fm).

Esse fato já é um indício de como Paulo exercia a liderança. Ele era *líder em equipe*. Não é por acaso que nas cartas que levam seu nome e no livro de Atos são mencionados nominalmente em torno de 100 pessoas, das quais 38 eram colaboradores de Paulo.⁵⁰ Suas cartas são de uma profundidade teológica singular no NT. Foi ele quem mais aprofundou o significado teológico da morte e ressurreição de Jesus Cristo, articulou a realidade do Espírito Santo, da salvação, dos *dons carismáticos* e sua finalidade, refletiu sobre a identidade da Igreja de Deus, definiu a função de líderes na Igreja de Deus, etc. Tudo isso o apóstolo Paulo fez no “horizonte da *parusia* do *Kyrios*, a nova existência em Cristo”, diz Schnelle.⁵¹ Tanto como fariseu pré-cristão quanto como apóstolo de Jesus Cristo, Paulo era alguém de personalidade forte, de convicção, vontade e determinação.

⁴⁸ Deve-se pensar aqui especialmente em questões como a *circuncisão* como “exigência” feita aos gentios para poderem fazer parte integral do povo de Deus (Cf. as posições defendidas no Concílio dos apóstolos em At 15) e na comensalidade entre judeus e gentios (Gl 2.1ss.). Quem eram estes “alguns da parte de Tiago” ainda precisaria ser esclarecido melhor; talvez esses “alguns” fizessem uso de má fé do nome de Tiago.

⁴⁹ POPKES, W. Jakobus. In: BURKHARDT, Helmut; GRÜNZWEIG, Fritz; LAUBACH, Fritz; MAIER, Gerhard (Edit.). *Das Grosse Bibellexikon*. Wuppertal, Giessen: Brockhaus Verlag & Brunnen Verlag, 1988. v. 2, p. 646.

⁵⁰ SCHNABEL, Eckhard J. *Urchristliche Mission*. Wuppertal: Brockhaus Verlag, 2002. p. 1365-1367.

⁵¹ SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010. p. 19.

Certamente nem sempre foi fácil lidar com ele, mas ele também pôde chorar com os que choravam e se alegrar com os que se alegravam (Rm 12.15; cf. também 2Co 2.1ss). Depois de Jesus, Paulo é o personagem mais influente da igreja cristã das origens, especialmente da segunda metade do séc. I d.C. Também foi ele que em boa medida foi objeto de articulações teológicas ao longo da história da igreja e Teologia.

3. A RELAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÃO, DONS ESPIRITUAIS E OFÍCIO

3.1 Notas preliminares

Acima já abordamos a questão da igreja como realidade teológico-espiritual e empírico-social ou visível. Também já foi destacado que elas se condicionam mutuamente - uma implica a outra e elas não são divisíveis e separáveis no sentido de dizer: num lugar se encontra a realidade teológico-espiritual e noutro lugar a realidade empírico-social.⁵² Na última parte deste trabalho trata-se de olhar brevemente a instituição ou organização que congrega pessoas, que, em casos extremos, novamente exclui pessoas e a questão do agir do Espírito Santo. Em outras palavras: Como se relacionam *carisma* e *ofício/função*, Espírito e direito (eclesial) ou justiça, liberdade e autoridade, profecia e tradição? O que em última análise está em jogo é a “unidade da comunidade”,⁵³ também externa e visivelmente.

Se pessoas congregam regularmente num lugar para um determinado fim, em mais ou menos tempo, surge uma instituição ou organização como sinal de pertença - e este não se limita a aspectos jurídicos no sentido de pessoa jurídica. É uma instituição que tem *rostro*, quer dizer, lida com pessoas concretas. A *ekklêsia* no NT não foi diferente. E hoje não é diferente. A partir desta perspectiva, a conhecida frase: “não se trata de copiar a imagem da comunidade do Novo Testamento, mas de captá-la”⁵⁴ não nos autoriza a negligenciarmos a realidade social concreta da comunidade ou igreja local.

3.2 A função ou importância da *ekklêsia* como instituição e a admissão nela

3.2.1 A função ou importância da instituição

A função - e nisto está sua importância - da instituição é criar espaço para que o evangelho possa ser proclamado e pessoas cheguem à fé em Jesus Cristo e possam crescer na fé, i.e., que a fé em Jesus Cristo seja relevante para o cotidiano - lá onde a vida acontece e as decisões centrais na vida são tomadas. Nesse sentido, a

⁵² Cf. os itens 1.1 e 1.2 deste trabalho.

⁵³ RIESNER, 1978, p. 11.

⁵⁴ Citado em RIESNER, 1978, p. 101. A tradução é nossa.

instituição - a *ekklêsia* organizada - é um espaço de acolhimento, abrigo e orientação para as pessoas que a compõem. De forma alguma a “comunhão de pessoas” que creem em Jesus Cristo deve ser substituída “por uma instituição administrativa legal”.⁵⁵ Obviamente, isso pode acontecer, mas não é motivo para desprezar, por princípio, a instituição. Riesner⁵⁶ escreve (na nossa percepção, acertadamente) que “a longo prazo, comunidades (*Gemeinschaften*)⁵⁷ só podem sobreviver se elas criam instituições que são expressão autêntica das suas convicções”.⁵⁸

Neste sentido, a instituição é uma forma de *identidade pública* e a via para passar às próximas gerações o modo de vida como expressão de fé viva em Jesus Cristo. A fé em Jesus Cristo não fica oculta: ela se exterioriza. Valemo-nos outra vez de palavras de Riesner: “Muitas coisas que na fase do advento (surgimento) de um movimento acontecem quase que por si só (automaticamente), mais tarde precisam ser protegidas e estimuladas por meio de ordens”.⁵⁹ De forma alguma isso é um sinal automático de decadência espiritual. Isso só é o caso em que a instituição e suas ordens assumem caráter tutelar e mecanizam a congregação das pessoas. Por essa razão enfatiza-se que a instituição tem a tarefa de criar espaço para ouvir e compartilhar a Palavra de Deus e estar aberta para o agir do Espírito Santo e suas implicações.⁶⁰

3.2.2 Admissão à comunidade

“Admissão” tem som cartorial e trabalhista. Não é disso que se trata. Pensa-se no aspecto empírico da comunidade local que tem *identidade pública*. Isso quer dizer que no mínimo no domicílio ela é pública - identificável. Isso pode abranger desde grupos pequenos com identidade pública até um número grande de pessoas de uma igreja conhecida de longa data. No mérito de cada uma delas não se pode entrar aqui. Citamos mais uma vez palavras de Riesner: “Uma comunidade que quer preservar sua identidade frente ao mundo dará valor à (*sic*) critérios claros de admissão e exclusão”.⁶¹ “Mundo” se refere ao meio social - às pessoas que conhecem a identidade da comunidade, mas que não pertencem a ela.

Historicamente se toma o batismo como referência ou critério e exigência para admissão ou inclusão de pessoas na *ekklêsia* (comunidade). Ao mesmo tempo, a

⁵⁵ Cf. BRUNNER, 2000, p. 20.

⁵⁶ RIESNER, 1978, p. 60.

⁵⁷ *Comunidades*, aqui, significa grupos de comunhão na fé em Jesus Cristo.

⁵⁸ A tradução é nossa.

⁵⁹ RIESNER, 1978, p. 61.

⁶⁰ Cf. mais adiante o item 3.4.

⁶¹ RIESNER, 1978, p. 61.

compreensão de batismo na história eclesiástica é controvertida e *divisor de águas* entre muitas denominações cristãs. Não é aqui o lugar de mencionar o que pesa a favor e contra as diversas compreensões de batismo. No NT, batismo não é tema próprio ou isolado. Aliás, nem em todos os livros ele é tematizado muito menos sinal incontestado de inclusão na *ekklêsia*. Limitamo-nos a alguns breves destaques do livro de Atos e de cartas de Paulo:

a) Em Atos 2.38 estão, por assim dizer, resumidos os principais elementos para a admissão ou inclusão na *ekklêsia*: “Arrependei-vos, e cada um seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo”. Os vv. 39-41, obviamente, fazem parte do assunto em questão: “... Salvai-vos desta geração perversa. Então, os que lhe aceitaram a palavra foram batizados, havendo um acréscimo naquele dia de quase três mil pessoas”. Lendo-se os versículos seguintes, nada se diz em que consiste o “dom do Espírito Santo”.

Outros textos de Atos voltam a falar de batismo, recebimento do Espírito Santo, inclusive de falar em línguas e profetizar, por exemplo: At 8.36-38; 9.18; 10.44-48; 11.15-16; 16.30-34; 18.8; 19.1-7; 22.16. Uma leitura atenciosa destes textos deixa evidente que (1) nem todos os textos falam explicitamente de perdão dos pecados e recebimento do Espírito Santo no contexto do batismo,⁶² (2) um texto fala de recebimento do Espírito Santo antes de as pessoas serem batizadas (At 10.44-48) e (3) conclui-se que do livro de Atos não se pode fazer um esquema doutrinário harmonioso fechado - qualquer que seja. Se o fizermos, o fazemos a favor de uma e em detrimento de outra prova textual. Isso não significa que cada qual pode fazer o que bem entende com esses textos e assuntos ligados a eles. Um bom abstrato teológico é o seguinte: “Depois da Páscoa, com base na ordem do Ressurreto,⁶³ a comunidade das origens também começou a batizar. Com a cruz, a ressurreição e derramamento do Espírito, o tema do fim definitivamente havia irrompido”.⁶⁴

b) Paulo praticamente nada diz a respeito de admissão ou inclusão na *ekklêsia*. Isso se deve ao fato de suas cartas se destinarem a seguidores de Jesus - pessoas que já faziam parte da *ekklêsia*. Contudo, em vários lugares das cartas ele menciona o batismo, por exemplo: ICo 12.13; Gl 3.26-29; Rm 6.3ss; Ef 4.4-5; Cl 2.11-13. Mas Paulo não tematiza o batismo nem o menciona para dizer a seus leitores que por meio do ato ou rito batismal começou a nova vida e que por meio deste rito foram incorporados à comunidade. Não

⁶² Provavelmente isso seja pressuposto.

⁶³ Mt 28.19; Mc 16.16s.

⁶⁴ RIESNER, 1978, p. 62.

se contesta que vida nova, batismo e incorporação à comunidade têm ligação um com o outro. Lendo atentamente esses e outros textos de Paulo, arriscamos com Riesner uma linguagem um pouco mais radical e aguda:

Para Paulo, em nenhum lugar o batismo como tal é o início da nova vida com Deus. O ressuscitar-com se consuma por meio da fé (Cl 2.11). Também 1Co 12.13 não diz que o batismo automaticamente media o Espírito. Como mostra o paralelo 11.9 (*sic*),⁶⁵ *en pneúmati* = ‘por meio do Espírito’ se refere ao sujeito, que desencadeia todo o acontecimento de fé e batismo. De forma semelhante acontece com Tt 3.5, onde vários veem ensinado um ‘novo nascimento pelo batismo’ (‘Taufwiedergeburt’). Caso o apóstolo tivesse considerado o batismo como o início da nova vida com Deus propriamente dito, ficaria incompreensível porque ele estava contente de não ter batizado muitos (1Co 1.14-16). Para Paulo, a nova vida surge por meio da pregação e fé. Como pai espiritual, ele gerou os cristãos coríntios ‘por meio do evangelho’ (4.15).⁶⁶

Concluindo: não resta dúvida de que essas palavras são desafiadoras. Mas esse é o objetivo “teológico-pastoral” de elas serem incluídas aqui. Elas não devem ser vistas como uma *apologia do contra* o que é caro para muitos seguidores de Jesus Cristo. Ademais, segundo o testemunho do NT, pertencer à comunidade de fé em Jesus Cristo não é algo aleatório ou por acaso, mas consciente, individualmente e coletivamente, i.e., tanto de quem se “filia” como membro do corpo quanto de quem e daqueles que acolhem um “novo membro do corpo”.

3.3 Admissão e possibilidade de exclusão - um assunto delicado

A *ekklêsia* como lugar onde o evangelho é proclamado para que pessoas cheguem à fé em Jesus Cristo e possam crescer na fé, i.e., que a fé em Jesus Cristo seja relevante para o cotidiano - lá onde a vida acontece e as decisões centrais na vida são tomadas - é um testemunho público nos termos das palavras de Mt 5.13-14: “Vós sois o sal da terra... Vós sois a luz do mundo...”. Contudo, o sal pode tornar-se inútil e acender uma luz e colocá-la debaixo de um recipiente fechado e não transparente é um contrassenso. Aplicado à comunidade ou a quem faz parte dela significaria viver na contramão da identidade como “membro do Corpo de Cristo” e colocar a autenticidade da própria comunidade em xeque.

⁶⁵ Em vez de 11.9 é 12.9.

⁶⁶ RIESNER, 1978, p. 64. A tradução é nossa. Cf. também SCHÖNWEISS, Hans. *Gemeinde - Gemeinschaft - Bruderschaft*. Metzingen: Brunnel-Verlag, 1966. p. 9.

Se uma comunidade quiser manter sua *autenticidade*, ela deve estar disposta à disciplina eclesiástica. Ou seja, ela não só precisa de critérios de admissão, mas em casos extremos também de critérios de exclusão. Por exemplo, se membros ferem “convicções fundamentais” da comunidade, requer-se medidas corretivas, que podem implicar exclusão. Aliás, em alguns casos como engano ou erro teológico fundamental, as pessoas que persistem nele se separam do próprio Cristo. Neste caso, Paulo é muito duro (Cf. Gl 1.6-9). Por outro lado, ele também pode ser duro ou radical em questões éticas no interior da comunidade (1Co 5-6 e outros textos). Aliás, em 1Co 5.12-13 (contexto em que fala da disciplina eclesiástica), ele distingue entre “os de fora” e “os de dentro”.⁶⁷ Quer dizer, disciplina cristã não é questão para quem não faz parte da comunidade.

De qualquer forma, uma exclusão é um assunto delicado e doloroso, porque fere a quem feriu e nem sempre as consequências são previsíveis. Mas nem por isso a comunidade - a comunhão de pessoas que querem seguir a Jesus Cristo - pode negligenciar e ignorar o que compromete seu testemunho. Se o fizer, nega o que diz ser. Por esta razão é importante registrar algumas coisas para reflexão e aprofundamento em estudo adicionais:

a) A exclusão não é a primeira medida para condutas extremas, mas a última de todas as medidas (Mt 18.15-17).

b) Quando de fato é preciso recorrer a ela, deve acontecer no horizonte de que a última palavra sobre pessoas não é de pessoas, mas de Deus, que sonda mentes e corações - também os corações daqueles a quem cabe exercer a disciplina.

c) Por isso, a disciplina de fato deve ter o objetivo de recuperar a quem está sendo diretamente atingido por ela e proteger a comunidade que é atingida pelas consequências da indisciplina (1Co 5.3-8).

d) O exercício de disciplina na comunidade não se limita a casos extremos nem devia começar com eles. Uma disciplina fraterna mútua no horizonte maior do juízo de Deus certamente poderia evitar casos extremos.

e) Disciplina fraterna implica não só correção mútua, mas também consolação mútua. Por melhor que isso possa soar, disciplina na maioria das vezes é um assunto delicado, porque envolve sentimentos que nem sempre permitem discernir adequadamente entre objetividade e subjetividade - entre o que de fato é espiritual e o que é meramente psíquico na comunhão cristã.

⁶⁷ RIESNER, 1978, p. 70.

Para concluir, remetemos a Bonhoeffer, que chama a atenção para o risco de se confundir entre amor anímico e amor espiritual na comunhão e vivência cristã. Anímico quer dizer *psíquico* do grego *psychê* (alma), que toma como base o sentimento e buscar não o irmão e a irmã, mas seus próprios interesses. Conforme Bonhoeffer,⁶⁸ o amor psíquico não suporta disciplina na comunidade que, por causa da comunhão verdadeira, rompa com comunhão não verdadeira - não espiritual. Colocações dessa natureza chocam o sentimento “humanístico”, segundo o qual o “diálogo” é a “virtude”. E quebrá-lo é quase um pecado capital. De fato, aqui não se advoga um desumanismo nem indisposição para o diálogo. Em jogo está a autenticidade do testemunho da *ekklêsia*. Encerramos com palavras de Riesner que diz: “Uma comunidade que não conhece a exclusão como uma última possibilidade, certamente também não poderá crer que existe uma rejeição no juízo final”.⁶⁹

3.4 Dons espirituais e ministério (ordenado)

Um já falecido “ministro”⁷⁰ em certa ocasião disse: “Se a igreja quer acabar com alguém, ela lhe dá um ofício” (*Amt* - um cargo ou uma função de liderança).⁷¹ Tarefas ou cargos oficiais podem colocar as pessoas dentro de uma *camisa de força* e anulá-las. Mas disto realmente não se trata quando falamos da relação entre dons do Espírito Santo e ministério (ordenado). Colocamos a última palavra entre *parênteses* por duas razões: *uma* é para sinalizar que *ministério* no NT não está atrelado ou limitado a uma função de pessoas oficialmente encarregadas para pastorear uma comunidade. *A outra razão* é para sinalizar que no NT *cargos oficiais* (pessoas “ordenadas”) não estão “privados” dos dons do Espírito Santo. Consequentemente, não vamos distingui-los na abordagem abaixo.

3.4.1 A realidade dos dons espirituais

O Espírito Santo é invisível. Contudo, sua presença e seu agir não são invisíveis. No NT existe uma ligação intrínseca entre dons espirituais e ministério. Dons espirituais são dons do Espírito Santo, também denominados de *ta pneumatika* (τα

⁶⁸ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1982. Várias páginas. Aliás, o livro todo é altamente recomendável para leitura e releitura no contexto da convivência na comunidade e comunhão cristãs.

⁶⁹ RIESNER, 1978, p. 71.

⁷⁰ Subentenda-se *servo*, pois “ministro” deriva da palavra “ministério” que na língua grega do NT é *diaconia* - serviço. Jesus define seu ministério como um *servir* (Mc 10.45; cf. também Jo 13.1-17).

⁷¹ Por motivos éticos, omite-se o nome daquele “ministro”.

πνευματικά), que significa “coisas ou assuntos espirituais”.⁷² A pessoa que recebeu o ES é um *pneumatikos* (πνευματικός - cf. 1Co 2.14-15). A rigor, cada pessoa de fato crente em Jesus como o *Messias* (Cristo) Redentor e Senhor é um *pneumático*. Os dons espirituais são também denominados de *ta charismata* (τὰ χαρίσματα) que significa simplesmente “os dons”. Da mesma palavra *charisma* (singular *dom*) deriva *charis* (χάρις) que na linguagem bíblica em língua portuguesa significa “graça”.⁷³ Os dons espirituais literalmente são *dons de graça* - advindos da graça de Deus. Em relação aos *dons espirituais* no NT e na igreja hoje existem compreensões e posturas diferentes que causaram e ainda causam divisões no interior de congregações (igrejas).⁷⁴

O apóstolo Paulo não teve bloqueios e problemas ao falar de *dons espirituais*. Ele não hesitou em arrolar inúmeros dons, por exemplo: 1Co 12-14, Rm 8.3-8. Mas Paulo teve enormes problemas com pessoas agraciadas com dons espirituais, principalmente na *ekklēsia* de Deus em Corinto. O apóstolo atesta aos coríntios *plenitude de dons*: “... o testemunho de Cristo tem sido confirmado em vós, de maneira que não vos falte nenhum dom...” (1Co 1.6-7). Apesar disso, viu-se na obrigação de escrever: “Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnis, como a crianças em Cristo” (1Co 3.1). Isto por causa de intrigas e desavenças não resolvidas na *ekklēsia* em torno de preferências por um líder em detrimento de outro, no caso Paulo e Apolo (e Pedro [1Co 3.3ss]).

Nos capítulos 12 até 14, o apóstolo entra em detalhes de dons espirituais e fala deles como dádiva do Espírito de Deus (1Co 12.4ss, 11). Ao longo do capítulo 14 ele o reafirma, apesar de censurar algumas tendências na comunidade em Corinto. Porém, não se trata de banir nem encabrestar ou domesticar os dons espirituais, mas trata-se do uso deles correspondente com a finalidade com que foram dados: a edificação do corpo de Cristo e a “evangelização” dos “indoutos ou incrédulos” (14.12,23-25). Um problema sério parece ter sido uma soberba espiritual que não permitia mais ouvir de fato o irmão, a irmã (14.37) e ver em determinados dons motivo de disputa interna em detrimento de outros dons.

⁷² GINGRICH; DANKER, 1984 (reimpressão 1986), p. 170.

⁷³ Cabe o registro que no NT a palavra *charis* (graça) na língua grega tem uso múltiplo, que não podemos detalhar aqui. Para tal, cf. GINGRICH; DANKER, 1984 (reimpressão 1986), p. 222.

⁷⁴ Cf. CARSON, D. A. *A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12-14*. Traduzido por Caio Peres. São Paulo: Vida Nova, 2003; STOTT, John. *Batismo e plenitude do Espírito Santo. O mover sobrenatural de Deus*. Tradução de Hans Udo Fuchs. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2001 (reimpressões: 2002, 2004, 2005); WEINGÄRTNER, Martin. *Vem, Espírito Santo, vem!* Curitiba: Encontro, 2000; LOHRMANN, 2008.

Quem lê especialmente as cartas de Paulo, fica impressionado com a variedade dos dons espirituais que o apóstolo menciona. Não queremos enumerar todos eles, mas ao menos mencionar com brevidade alguns, alistados e abordados por Lohrmann no seu livro *Fruto e dons do Espírito Santo*,⁷⁵ com indicação das páginas em que aborda os respectivos dons:

(1) *Profecia* (p. 62-64). Profetas e profecias são inseparáveis. Um dos traços mais característicos deste dom no NT (na Nova Aliança) não são fenômenos extraordinários, mas a atualização da Palavra de Deus para dentro de determinada situação, principalmente no culto. A profecia traz clareza e não confusão para dentro da comunidade.

(2) *Interpretações de revelações do Espírito* (p. 64-66). É comum que se fale de revelações do Espírito, mas conforme o NT elas necessitam de interpretação, ou seja, de avaliação na comunidade, para saber de quem procedem, pois nem toda revelação é revelação de fato e muito menos procede de Deus (Cf. Mt 7.15,22; 1Ts 5.12-24; 1Co 2.14-16).

(3) *Ensino* (p. 66-68). Não se deve pensar em ensinamentos extraordinários que fogem de toda e qualquer avaliação, mas da capacidade tanto de captar ou entender as Escrituras e com elas a história de Deus com seu povo e com a humanidade e transmitir isso de forma inteligível a outros. Conteúdo, habilidade técnica, pedagogia e vivência de fé se transpassam mutuamente. Exemplos: Mt 7.28-29; At 20.27; 1Co 15.1ss.

(4) *Feitos no poder do Espírito* (p. 68). Aqui o livro de Atos nos serve de excelente ilustração, mas outros textos também, por exemplo: 1Co 2.1-4, especialmente o v. 4; 1Ts 1.5; Rm 15.19. Naturalmente deve-se distinguir entre constatação de fatos que ocorrem (indicativo) e ordem para fazer algo (imperativo).

(5) *Dons de curar* (p. 69-70). No NT não se fala apenas de dons de curar, mas curas são registradas; curas não só realizadas por Jesus, mas também pelos apóstolos. Inclusive, Jesus incumbe seus discípulos com a tarefa de curar enfermos (Mt 10.5ss., especialmente o v. 8) e em Mc 16.18 a restauração de enfermos por imposição de mãos é um dos sinais que acompanham aqueles que creem. Por outro lado, não se registra apenas curas realizadas ou ocorridas, mas fala-se de “dons das curas” como dons dados a pessoas na comunidade cristã (Cf. 1Co 12.9,28,30; Tg 5.14-15).

Ademais, curas fazem parte da história de Deus com seu povo ao longo do tempo. Disto não há nenhuma dúvida. Tão importante ou mais que as curas propriamente

⁷⁵Em LOHRMANN, 2008, p. 62-83.

ditas é a finalidade delas (p. 69):⁷⁶ não se trata apenas de superar um mal presente, mas de ver a realidade teológica maior por trás da cura, que é: doença - morte - vitória sobre a morte. Neste contexto, leia-se também Rm 5.12ss.; 6.23; 1Co 15.

(6) *Oração em línguas e interpretação...* (p. 70-74). Quanto ao falar em línguas em si (glossolalia) não há dúvida no NT. Contudo, é acima de tudo um dom para a edificação pessoal, por isso seu uso público é colocado sob “restrições” por Paulo. O fenômeno como tal ainda não é prova de manifestação do Espírito Santo, pois também existe em outras religiões.

(7) *Dons de governo* (p. 74-75). Aqui remetemos ao que já foi dito no contexto da definição de liderança.

(8) *Entregar*, o que significa “contribuir” e “distribuir” sem constrangimento ou coação (p. 75-77).⁷⁷

(9) *Fé que remove montanhas* (p. 77-78). Existe uma diferença entre fé em Jesus Cristo para a salvação e fé como dom para agir ou empreender algo. Isso não implica um espetáculo da fé ou em nome da fé.

(10) *Palavra de sabedoria e conhecimento* (p. 78-80). Em questão não está a soma de informações que se pode adquirir, mas saber o que fazer com o que se “sabe” na hora certa ou necessária. É perceber o tempo de Deus. Sabedoria e conhecimento não têm nada em comum com arrogância intelectual nem espiritual (Cf. 1Co 8.1-3).

(11) *Serviço - diaconia* (p. 80-82). Embora todos os dons espirituais sejam dados para servir e/ou edificar a comunidade (1Co 12.5), Paulo distingue entre servir e servir - ele fala da diaconia como dom específico (Rm 12.7; cf. também At 9.36-43). Sem a diaconia cristã, vinculada à misericórdia, a vida corre o risco de ser “robotizada”, tornar-se insuportável e a sobrevivência especialmente de pessoas fragilizadas se reduz sensivelmente.

(12) *Assistência espiritual - poimênica* (p. 82-83): exortação e compaixão jovial (*παρακλησις / ελεος*). O termo jovial, aqui, não é bem feliz, poderia ser traduzido como sereno ou alegre (“heiter”). A palavra poimênica na língua grega tem a mesma raiz da palavra empregada no Evangelho de acordo com João para se referir ao Consolador que virá, i.e., ao Espírito Santo - o termo é *paraklētōs* (*παρακλήτως*). Na prática este dom é o que mais ocorre no NT, especialmente nas cartas de Paulo. Um exemplo clássico é 2Co 1.3-11.

⁷⁶ WIESE, Werner. Doença e cura - Perspectivas bíblicas e dilemas atuais. In: *Vox Scripturae*. Vol. XVI/2. São Bento do Sul: União Cristã; FLT, 2008. p. 8-28.

⁷⁷ Cf. nota de rodapé 86 em LOHRMANN, 2008, p. 75.

3.4.2 O uso dos dons ou a relação entre fruto e dons espirituais - breves ponderações

Todos os dons, quaisquer que sejam, devem ser usados de forma coerente com seu *Doador*. Ninguém é dono de dons, a não ser Deus. Assim como alguém que lidera (pastoreia) a *ekklêsia* não é dono dela e como a autoridade não é dada para ser exercida de forma arbitrária, mas consciente de que ela sempre só é autorização para atuar de acordo com quem a outorgou e que ela pode ser revogada, da mesma maneira nenhum dom é dado para o uso independente e para o engrandecimento de pessoas.

Na verdade, os dons espirituais não devem ser desvinculados do Fruto do Espírito (Gl 5.22-23).⁷⁸ Valemo-nos de palavras de Lohrmann: "... todas as exposições bíblicas essenciais de dons do Espírito estão colocadas num contexto que acentua a união com a primazia do fruto - em geral e em sua forma mais importante como ágape: 'A dádiva (dons da graça) está inserida no Fruto'".⁷⁹ Essas palavras podem figurar como cerne do uso correto dos dons espirituais. Inversamente, caso se separe os dons do fruto do Espírito, isso significa inevitavelmente abuso dos dons. Neste caso eles degeneram sob nossas mãos, são pervertidos e tornam-se nocivos dentro da *ekklêsia*. A alternativa para o abuso dos dons de Deus não é o *congelamento* ou um distanciamento deles, mas obviamente seu uso com a finalidade com a qual foram outorgados. As parábolas dos talentos em Mt 25.14ss e a dos lavradores maus em Mt 22.33ss são uma boa ilustração do uso, desuso e mau uso dos dons concedidos por Deus.

Werner Wiese

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem da *ekklêsia* no NT não é um ideal humano nem um sonho, mas uma realidade teológico-espiritual e empírico-social inseparável. Líderes - "ministros ordenados ou leigos" - responderão pela forma como lideraram e como exerceram a autoridade outorgada a eles; outorgada em última instância por Deus, diante de quem têm a responsabilidade decisiva (1Co 3.10-17; 4.1-5). Isso não os isenta da responsabilidade diante de pessoas que lhes delegaram tarefas, pelo contrário. Mas a consciência de em última instância estar na presença de Deus que fará a avaliação final da *ekklêsia* e de todo ministério exercido para além daquilo que olhos humanos veem (1Co 3.10-17; 4.1-5), livra-os da escravidão da subserviência humana e libera para servir às pessoas na *dynamis* (força/poder) do evangelho.

⁷⁸ Cf. LOHRMANN, 2008, p. 23-47, 84-110.

⁷⁹ LOHRMANN, 2008, p. 105.

REFERÊNCIAS

A IGREJA: uma visão ecumênica. Traduzido por Odair Pedroso Mateus e Marie Ann Wangen Krahn. São Paulo: ASTE, 2015.

ALMEIDA, Antonio José de. **O ministério dos presbíteros-episcopos do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2001.

BADIOU, Alain. **São Paulo: a fundação do universalismo**. Tradução de Wanda Caldeira Brandt. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARCLAY, Wiliam. **Palavras-chaves do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BIEBERSTEIN, Sabine; KOSCH, Daniel. **Paulus und die Anfänge der Kirche**. Zurich: Theologischer Verlag Zürich.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

BRAKEMEIER, Gottfried. **O “socialismo” da primeira cristandade: uma experiência e um desafio para hoje**. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

BRUNNER, Emil. **O equívoco sobre a igreja**. Itapetininga: Novo século, 2000.

CARSON, D. A. **A manifestação do Espírito: a contemporaneidade dos dons à luz de 1 Coríntios 12-14**. Traduzido por Caio Peres. São Paulo: Vida Nova, 2003.

COENEN, Lothar. Kirche. In: COENEN, Lothar; BEYREUTHER, Erich; BIETENHARD, Hans (Edit.). **Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament**. Wuppertal: Brockhaus, 1977. v. 2.

CULLMANN, Oscar. Ebioniten. In: GALLING, Kurt. **Die Religion in Geschichte und Gegenwart**. Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft. Tübingen: J. C. B. (Paul Siebeck), 1958.

DIDAQUÉ. O catecismo dos primeiros cristãos para as comunidades de hoje. Tradução de Ivo Storniolo. 13. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

DÜSING, Edith. *Nietzsches Denkweg*. Theologie - Darwinismus - Nihilismus. 2. ed. München: Wilhelm Fink, 2007.

GEHRING, Roger W. *Hausgemeinde und Mission*. Die Bedeutung antiker Häuser und Hausgemeinschaften - von Jesus bis Paulus. Giessen - Basel: Brunnen, 2000.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

HAACKER, Klaus. Vollmacht und Ohnmacht - Charisma und Kerygma. Bibelarbeit über Apg 14, 8-20. In: HAACKER, Klaus; SORG, Theo (Edit.). *Theologische Beiträge*. Wuppertal: Rolf Brockhaus, 1988.

HENGEL, Martin. *Christus und die Macht*. Die Macht Christi und die Ohnmacht der Christen. Zur Problematik einer "Politischen Theologie" in der Geschichte der Kirche. Stuttgart: Calver, 1974.

_____. *Der unterschätzte Petrus*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007.

HERBST, Michael. Mit Vollmacht predigen. In: HAACKER, Klaus; HEMPELMANN, Heinzpeter; HENNIG, Gerhard (Edit.). *Theologische Beiträge*. Haan: Brockhaus, 1999.

JEREMIAS, Joachim. Die Briefe an Timotheus und Titus. In: NTD 9. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1975.

KEMNER, Heinrich. *Vollmacht und Sendung*. Stuttgart-Sillenburg: Verlag Goldene Worte (sem ano de publicação).

LOHRMANN, Walter. *Frucht und Gaben des Heiligen Geistes*. Tradução de Arthur H. Stahlke. São Bento do Sul: União Cristã, 2008.

LOUW, Johannes; NIDA, Eugene (Edit.). *Léxico grego - português do Novo Testamento* baseado em domínios semânticos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

LUTHER, Ralf. *Neutestamentliches Wörterbuch*. Eine Einführung in Sprache und Sinn der urchristlichen Schriften. 17. ed. Hamburg: Furche-Verlag, 1966.

MEEKS, M. Douglas. *Economia global & economia de Deus*. São Bernardo do Campo: Editeo, 2001.

POPKES, W. Jakobus. In: BURKHARDT, Helmut; GRÜNZWEIG, Fritz; LAUBACH, Fritz; MAIER, Gerhard (Edit.). *Das Grosse Bibellexikon*. Wuppertal, Giessen: Brockhaus & Brunnen, 1988. v. 2.

PRATSCHER, Wilhelm. *Der Herrenbruder Jakobus und die Jakobustradition*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1987.

RIESNER, Rainer. *Apostolischer Gemeindeaufbau*. Giessen: Brunnen, 1978.

SANDEERS, E. P. *Paulus und das palästinische Judentum*. Ein Vergleich zweier Religionsstrukturen. Tradução da língua inglesa para a língua alemã de Jürgen Wehnert. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1985.

SCHENKE, Ludger. *Die Urgemeinde*. Geschichtliche und theologische Entwicklung. Stuttgart; Berlin; Köln: W. Kohlhammer.

SCHMITHALS, Walter. *Paulus und Jakobus*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1963.

SCHNABEL, Eckhard J. *Urchristliche Mission*. Wuppertal: Brockhaus Verlag, 2002.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2010.

SCHÖNWEISS, Hans. **Gemeinde - Gemeinschaft - Bruderschaft**. Metzingen: Brunnen, 1966.

SCHRENK, Gottlob. **Geistliche Vollmacht heute**. Basel: Heinrich Majer, 1946.

SCHWEIZER, Eduard *apud* RIESNER, Rainer. **Apostolischer Gemeindebau**. Giessen u. Basel: Brunnen, 1978.

SORG, Theo. **Ruf und Vollmacht**. Von den Grundlagen geistlichen Dienstes. Giessen; Basel: Brunnen, 1965.

TAUBES, Jacob. **Die Politische Theologie des Paulus**. 3. ed. München: Wilhelm Fink, 2003.

WIESE, Werner. Apóstolo. In: BORTOLLETO, Fernando Filho (Edit.). **Dicionário brasileiro de teologia**. São Paulo: ASTE, 2008.

_____. Doença e cura - Perspectivas bíblicas e dilemas atuais. In: *Vox Scripturae*. Vol. XVI/2. São Bento do Sul: União Cristã/FLT, 2008.

Werner Wiese



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional